

**AULA DE LEITURA:
o efeito da proposta colaborativa nas aprendizagens
de leitura e compreensão textual**

Magda Nazareth da Rocha Ribeiro¹ – magdanazareth@hotmail.com
Gláucia Vieira Cândido² - glaucia.v@uol.com.br

Introdução

Repensar as estratégias de mediação pedagógica é uma forma de realizar balanços críticos e reflexões, não apenas com o objetivo de impulsionar o mérito da educação escolar, mas, especialmente, como forma de buscar transformações carecidas pela sociedade. Exercer a prática docente significa, antes de qualquer coisa, repensar essa prática sem ancorar no tempo, nos moldes ou nas ideias. Candau (2011) afirma “a necessidade de reinventar a educação escolar”. De acordo com a autora, e conforme o que visivelmente se configura no ambiente escolar, uma pluralidade de questões desafiam o sistema educacional e inibe o papel mais básico deste sistema: a veiculação da aprendizagem. Vários leques temáticos, inúmeras frentes e linhas de pesquisa vão se hasteando sobre o espaço cotidiano das escolas no intuito de garantir sua efetiva função. Entretanto, Candau (2011, *op. cit.*), ao tratar da didática escolar, afirma ter a sensação

de que existe um ‘nó’ que nós atores deste campo não conseguimos desatar para que a capacidade analítica e criativa das nossas produções e reflexões conquistem maior relevância para o enfrentamento das questões atuais que a educação escolar e as práticas docentes enfrentam. (CANDAU, 2011, p. 19)

Acreditamos que existam muitos “nós” e tomamos um deles para estudo: as habilidades para o desenvolvimento da leitura e da compreensão textual. O presente trabalho tem a perspectiva de observar a relevância da proposta da aprendizagem colaborativa nas aulas de leitura em Língua Portuguesa como língua materna (LM). Partindo dos pressupostos vygotskianos de que a aprendizagem acontece, primeiramente, de forma interpsicológica ou interpessoal e, posteriormente, de forma intrapsicológica ou intrapessoal (VYGOTSKY, 1998), propomo-nos a observar se a realização de aulas de leitura nos princípios da aprendizagem colaborativa contribui com o desenvolvimento do cognitivo dos aprendizes no que se refere às habilidades de leitura.

Ao afirmar que a aprendizagem, por meio da interação em pares, favorece a aprendizagem individual, Sabota (2006) faz refletir as considerações de Vygotsky (1998, *op cit*) sobre a passagem do estágio de “regulação pelo outro” para o de “autorregulação”. Desta

¹ Mestranda do MIELT- Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO).

² Professora Colaboradora do MIELT. Professora da Universidade Federal de Goiás, Anápolis (GO).

forma, a autora instiga-nos a investigar o efeito da aprendizagem de leitura a partir da interação em pares e a conferir se realmente o estágio de “regulação pelo outro” contribui para o estágio de “autorregulação” no que se refere ao desenvolvimento das competências e habilidades de leitura. Nestes termos, é a isto que nos propomos: investigar se a aprendizagem colaborativa favorece ao desenvolvimento das habilidades de leitura dos aprendizes, tornando-os mais proficientes e capazes de ler e interpretar textos, mesmo quando em ocasiões individuais.

Os estudos dos pressupostos da aprendizagem colaborativa não é, de todo, inaugural visto que alguns estudiosos como Figueiredo (2006, *et al*) já investigaram essa proposta no estudo de línguas. Sabota (2006) realizou um trabalho semelhante a este ao qual nos propomos, tomando como objeto de análise a leitura e a compreensão textual, também, nos princípios da aprendizagem colaborativa, porém seu estudo está voltado para as aprendizagens na língua estrangeira, mais especificamente, na língua inglesa. A própria autora reclama a carência de acervos em relação ao tema abordado:

Estudos sobre a aprendizagem colaborativa têm sido desenvolvidos em várias áreas dos processos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (LE). [...] Entretanto, ainda não há muitos estudos aplicando a teoria sociointeracionista às habilidades de leitura e compreensão textual em língua estrangeira. (SABOTA, 2006. p. 81-82 *apud* FIGUEIREDO, 2006).

A precariedade ressaltada por Sabota (2006 *op. cit.*) no que se refere às investigações sobre as habilidades de leitura em Língua Inglesa é fato também em Língua Portuguesa. Pudemos fazer essa observação ao iniciarmos o presente estudo. Vale ressaltar que não nos referimos, aqui, à leitura adquirida no processo de alfabetização, visto que para este nível de leitura parece haver um campo maior de teorias. Referimo-nos à proficiência de leitura no que reflete a condição de letramento dos indivíduos.

Outra precariedade, no âmbito da aprendizagem de leitura, que consideramos importante ressaltar é a pesquisa com aplicação prática. Algumas teorias esboçam assuntos gerais de aprendizagens em língua materna, que, é claro, incluem a leitura, mas no que se refere à aplicação prática de ensino de leitura e compreensão textual não encontramos muitos dados a não ser os quantitativos reveladores de que a maioria dos alunos brasileiros dos níveis Fundamental e Médio lê mal por não compreender bem o que lê. (ROJO, 2009).

Cafiero (2010) sustenta que “ensinar a ler é ensinar estratégias” e as estratégias são “ferramentas cognitivas que podem ser desenvolvidas por meio de atividades sistemáticas e bem planejadas”.

Conferindo a relevância reservada ao planejamento da aula de leitura, como propõe Cafiero (2010), confiamos estimado valor a uma pesquisa aplicada como a que nos propomos executar. A partir de atividades planejadas nos pressupostos teóricos da aprendizagem colaborativa acreditamos na possibilidade não apenas de identificar resultados, mas também

de instigar procedimentos práticos respaldados pelas teorias, que há tanto circundam a esfera escolar, mas que ainda pairam nas palavras de seus idealizadores. Nesse sentido, a realização de uma pesquisa aplicada poderá contribuir para que os docentes tomem conhecimentos das teorias a partir de uma observação mais concreta. Quem sabe, consigamos instigar também novas pesquisas, da mesma forma como ocorreu a motivação para realização desta.

Revisão de Literatura

Toschi (2011), ao reportar d'Ávila (2001), faz refletir que no curso do processo de ensino e aprendizagem acontecem dois fenômenos igualmente importantes: a mediação didática e a mediação cognitiva. A mediação didática faz jus ao papel do professor como facilitador, operador de estratégias que visem estimular o aluno a desejar aprender e, por esse motivo, leva-o a ativar suas próprias estratégias em busca do aprendizado. Nesse sentido, o professor não leva, unilateralmente, o conhecimento ao aluno. Através de um esquema em espiral, a comunicação entre o professor, o aluno, os demais alunos e o dispositivo - que aqui consideramos qualquer instrumento como, por exemplo, o texto no livro didático, no papel avulso, na folha de jornal, na tela do computador etc. - acontece de modo participativo. O professor realiza estratégias mediadoras e o aprendizado vai se processando com a participação dos envolvidos. Quando o professor é o operador dessas estratégias, ocorre a mediação didática. A partir do momento em que o aprendiz ativa suas próprias estratégias para a aquisição do conhecimento, estará ocorrendo a mediação cognitiva.

Ao cruzarmos as teorias estudadas, entendemos que o espaço entre a mediação didática e a mediação cognitiva é equivalente à Zona de Desenvolvimento Proximal abordada por Vygotsky (1998). Percebemos também, reforçada em Toschi (2011), a ideia de que o conhecimento carece, primeiramente, do interpessoal para depois ser possível no intrapessoal, questão também já afirmada por Vygotsky (1998). A definição de Sabota (2006) para o que se toma por aprendizagem colaborativa acata tanto as reflexões de Toschi (2011. *op.cit.*) quanto as concretizadas teorias vygotskianas. Sabota (2006, *op. cit.*) afirma que “a aprendizagem colaborativa parte do princípio de que as pessoas, quando atuam em pares ou em grupos, beneficiam-se e enriquecem-se pela interação.” A autora salienta ainda que “no desenvolvimento da habilidade de leitura, aquilo que o aprendiz consegue compreender hoje com a ajuda do outro, ele conseguirá compreender sozinho amanhã”. Compreendemos nessa afirmativa a transformação da mediação didática em mediação cognitiva (TOSCHI, 2011. *op. cit.*) e da zona de desenvolvimento potencial em zona de desenvolvimento real definida por Vygotsky (1998), bem como a passagem do estágio de regulação pelo outro, definido pela oportunidade de um indivíduo aprender em interação com outras pessoas, para o estágio de autorregulação, compreendido pela condição desse mesmo indivíduo que esteve em interação com o outro ter conseguido atingir a condição de aprender sozinho, como fundamenta Vygotsky (1998, *op. cit.*)

Conforme Vygotsky (1981b *apud* FIGUEIREDO, 2006), há três estágios diferenciados de desenvolvimento apresentados pela criança (e consideramos aqui, também pelo aprendiz, independente da idade): primeiramente, ela sofre a regulação pelo ambiente sendo que este exerce influência sobre ela; depois, a criança é regulada pelo outro, que a ajuda na realização das tarefas, nesse caso, precisa estar em momentos de interação; em último estágio a criança se autorregula, desenvolvendo, ela própria suas estratégias de aprendizagem. É o que nos propomos investigar, considerando as aprendizagens relacionadas à leitura e compreensão textual, mediante a proposta da aprendizagem colaborativa.

Metodologia

A presente pesquisa se enquadra na tipologia qualitativa, pois visa a uma análise situacional de habilidades e competências demonstradas pelo corpus investigado. Não há a preocupação com valores quantitativos e, ainda que sejam mencionados valores numéricos, estes representarão apenas uma forma de registro de dados que serão convertidos em uma análise mais descritiva, ao final do trabalho. A investigação deverá adquirir a característica de pesquisa aplicada, pois será realizada diretamente pelos pesquisadores, ainda que estes não sejam os professores regentes das classes em que acontecerá a investigação.

O trabalho será realizado em duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública situada na região leste da cidade de Goiânia, estado de Goiás. A partir das perspectivas sociointeracionistas rememoradas por Figueiredo (2006, *et. al.*), serão aplicadas, em uma das duas turmas de 6º ano (turma A), atividades de leitura e compreensão textual de acordo com as propostas da aprendizagem colaborativa. Na outra turma de 6º ano (turma B) da mesma escola, aplicaremos os mesmos textos e executaremos as mesmas abordagens temáticas de leitura, porém, com estratégias e mediações realizadas no parâmetro tradicional de ensino.

Utilizaremos uma das cinco aulas semanais de Língua Portuguesa que cada turma assiste regularmente, por um período de três meses, compreendidos entre abril e junho de 2013. Os instrumentos de análise a serem utilizados na execução da pesquisa serão: análise dados; diário de bordo; questionários; entrevistas; gravação e transcrição das entrevistas; cruzamento de dados; quadros expositivos dos dados e dos resultados elencados.

Conclusão

Com o intuito de refletir os princípios fundamentais para se garantir uma mediação pedagógica realmente amparada pela proposta da aprendizagem colaborativa, o presente trabalho está fundamentado nos referenciais teóricos que abarcam os seguintes temas: a aprendizagem colaborativa (FIGUEIREDO, 2006 *et al.*), (SABOTA, 2006) e (TORRES,

ALCÂNTARA e IRALA, 2004); a condição do nível de letramento dos aprendizes para a proficiência da leitura nos diferenciados gêneros veiculados no meio social (SOARES, 1993), (ROJO, 2009) e (CAFIERO, 2010); a relevância do planejamento da aula de leitura (CAFIERO, 2010) e (SIM-SIM, 2007); as possibilidades de mediação didática e cognitiva, bem como a mediação dentro do modelo espiral de ensino (TOSCHI, 2011); a forma como as crianças, considerando aqui os aprendizes em geral, desenvolvem os processos psicológicos superiores (VYGOTSKY, 1998).

Dessa forma, acreditamos estar contribuindo para o desatar de pelo menos parte dos “nós” que amarram o desenvolvimento das aprendizagens de leitura e compreensão textual, em Língua Portuguesa, em ambiente de sala de aula.

Referências

CAFIERO, Delaine. *Letramento e Leitura: formando leitores críticos*. In: Coleção explorando o ensino; v. 19. Língua Portuguesa – Ensino Fundamental (200 p.). Coordenação Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Brasília, DF, 2010.

CANDAU, Vera Maria. *Escola, Didática e Interculturalidade: desafios atuais*. In: Didática em uma sociedade complexa (Orgs.). José Carlos Libâneo, Marisa Vanessa Rosa Suanno. Goiânia: CEPED, 2011.

D'ÁVILA, Cristina. *Mediação cognitiva e mediação didática: do desejo à sedução do aprender*. Salvador: UFBA, 2001 (Tese, cap. 2).

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia; Ed. da UFG, 2006.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos: coleção Explorando o Ensino; v.19. 200 p.* Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2010.

SABOTA, Barbra. Traçando os fios da leitura em língua inglesa: por uma resolução colaborativa de exercícios de compreensão textual. In: FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia; Ed. da UFG, 2006.

SIM-SIM, Inês. *O Ensino da Leitura: a compreensão de textos*. Ministério da Educação. Direção geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular: PNEP. Lisboa, 2007.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1993.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

TOSCHI, Mirza Seabra. CMDI – Comunicação mediada por dispositivo indutor: elemento novo nos processos educativos. In: LIBÂNEO, José Carlos e SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. (Orgs.) *Didática em uma sociedade complexa* Goiânia: CEPED, 2011.

VYGOTSKY. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo. M. Fontes, 1998.